A TENDA DO GUERREIRO

CANTO EPICO

lido na augusta presença de S. M. o Imperador na sessão do Instituto Historico em 3 de Dezembro de 1869

PELO SOCIO HONORARIO, 3º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Souza Silva

---

20 *de Fevereiro de* 1567.

Salve, ó rei dos penedos [1] ! Sentinella
Que a mão do cataclisma reclinára
Entre assombrosos naturaes portentos
A' estreita barra do famoso golpho ;
—Imagem do poder—vigia eterno
Da nova capital de novo imperio !

Sobre a tua cabeça as nuvens pousam,
E o pampeiro rugindo em vão te açoita ;
—Generoso leão— volvendo a juba
Brame o oceano e a teus pés se humilha ;
O sol que alaga de sua luz o espaço
Doura-te e ao longe ao viajor te mostra
Qual genio guardador da abra immensa,
Por Deus aberta do universo ás frotas.

---

[1] O *Pão de Assucar*.

II

Salve, oh salve tambem, ó velha aldêa [2]
De adustos ramos e de seccas palmas,
Que—embryão de Ninive—, ergueste a fronte
Sobre trophéos de esplendidos triumphos,
Qual berço da brasilea heroicidade ;
No templo teu—ex-voto da victoria—
Que ao martyr narbonez [3] sagrára Estacio,
Bragantino dragão supera o gallo
E doma o tigre de malhada pelle,
E na esphera armillar entre tres settas [4]
Brilha a cruz, brilha o labaro sagrado,
Que a terra de Cabral colheu benigna.

Eis a tenda do heróe [5] ! Em pobre catre
Geme quem tanto pela patria soffre !
Pende do tosco esteio o sancto lenho
Em que o Christo ao martyrio os braços abre,
E bruxolêa ante elle bento cirio,

---

[2] *Villa Velha*, primitiva povoação fundada por Estacio de Sá nas immediações do *Pão de Assucar*, e dezeseis annos depois removida para o morro do Castello por Salvador Correia de Sá, que a firmou com o marco da conquista, o qual ainda existe á porta principal do templo de S. Sebastião a, Sé Velha. D'ahi a um seculo ficou esta povoação chamando-se tambem *Cidade Velha* para distincção da novissima povoação que se estendeu pelos valles de S. Bento, da Misericordia e Ajuda e ainda da primitiva, conhecida por Villa Velha. Chama-se hoje cidade Velha toda a povoação até o campo da Acclamação e dahi para dentro cidade nova.

[3] S. Sebastião, protector dos prisioneiros, nasceu em Narbona em 250 e serviu por algum tempo sob o imperador Deocleciano. Christão, occultava a sua religião para melhor servir os seus correligionarios, trahido e levado ao supplicto ahi morreu em 288. A igreja commemora o seu martyrio no dia 20 de Janeiro.

[4] A cidade do Rio de Janeiro teve por armas uma esphera e as tres settas de S. Sebastião

[5] Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, o qual veio em 1565 com plenos poderes para fundar uma cidade n'uma das margens da Bahia do Rio de Janeiro, e achou-se em guerra aberta com os tamoyos, terriveis adversarios dos portuguezes. Era preciso afugenta-los porque os antigos possuidores do paiz, favorecidos pelos francezes, não cessavam de inquietar os seus conquistadores.

Estacio de Sá, capitão e governador do Rio de Janeiro vio-se por

São-lhe marcios trophéos gloriosas armas:
O elmo, que de plumas se apavona,
A malha e os gantes e o pavez dourado,
E a espada invicta e a triumphante lança
Tingida em sangue mas envolta em louros;
—Brazões que attestam marcial coragem.

Em torno delle prostram-se os guerreiros
Que seu genio aos combates conduzia.
Sentado á cabeceira a fronte inclina
Mem de Sá [6] que conter mal póde o pranto.
Fitos os olhos seus nos olhos d'elle
Valente Salvador [7] lhe aperta a dextra.
Posternados estão, tambem chorosos,
Intrepido Belchior [8] que o mar varrêra
Rompendo a frota das hostis pirogas,
Braz Fragoso [9] e Martins [10] que a lei sustentam,
Peres [11] que as chaves tem dos regios cofres,

---

dous annos consecutivos accommettido na nascente cidade, undada sobre as encostas das montanhas proximas do Pão de Assucar; requisitou pois soccorro da Bahia e seu tio veio ajudal-o a guerrear os tamoyos.

Uruçumirim e Paranacupahy eram as aldeias fortificadas dos bravos tamoyos. Audaz e animoso marchou Estacio de Sá à frente de seus soldados, derrotou e expellio os tamoyos para longe, mas lhe custou a vida a victoria das duas jornadas. Tocou-lhe uma setta a face e o capitão-mór succumbio trinta dias dias depois, em 20 de Fevereiro 1567.

[6] Mem de Sá, governador geral do Brazil, veio conquistar o Rio de Janeiro aos francezes, que haviam sabido angariar as sympathias dos tamoyos, uma das mais valentes tribus brazileiras, que occupavam o littoral desde Cabo Frio até Angra dos Reis.

[7] Salvador Corrêa de Sá, primo de Estacio de Sá, segundo capitão e governador do Rio de Janeiro.

[8] Belchior de Azevedo, capitão da galera *Sant'Iago* e depois do navio *Santa Clara*.

[9] Braz Fragoso, primeiro ouvidor da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

[10] Pedro Martins Namorado, juiz ordinario da cidade.

[11] Esteves Peres, provedor da fazenda por provisão de 3 de Dezembro de 1566.

Pinto, [12] o alcaide mór e o seu tenente, [13]
E outros providos nos encargos novos.[14]
Murmura o psalmo nos sagrados labios
Dos soldados da cruz, illustre Anchieta,
Nobrega triste e o venerando bispo
Que delidos em pranto o fim lhe choram. [15]
Mudo o contempla o audaz Ararigboia, [16]
— A serpente da guerra — o rei das selvas.

Que delirio sublime os céos lhe inspiram !
Homericas visões, sonhos de gloria,
Miragens do porvir, paineis de out'rora,
Perpassam-lhe na mente incandescida !
Arde nos olhos seus sagrada flamma,
E a voz é raio que dos labios rompe:

— Companheiros, bradou, eia, á investida,
Ao combate, á trincheira, ao ferro, ao fogo !
— Relampeja o canhão ? — Geme a metralha ?
— Voa a setta do indio ? — Impera a morte ?...

---

[12] Francisco Dias Pinto; alcaide-mór da cidade, o qual tomou posse em 13 de Setembro de 1566.

[13] Domingos Fernandes, alcaide-menor da cidade ou tenente do alcaide-mór.

[14] Os demais empregados da cidade eram: Pedro da Costa, tabellião e escrivão de sesmarias por provisão de 9 de Setembro de 1565, depois thesoureiro de defuntos e ausentes, por provisão de 30 de Janeiro de 1567 e encarregado do officio do sello das armas da cidade por provisão de 6 de Novembro de 1566.

Miguel Ferrão e Gaspar Rodrigues de Goes que o substituiram no officio de tabellião e escrivão de sesmarias, por provisão de 2 de Dezembro de 1565 e 16 de Dezembro de 1566.

Francisco Fernandes, alcaide-carcereiro e Baptista Fernandes, porteiro-pregoeiro por provisão de 15 e 19 de Setembro do mesmo anno.

Estas datas em taes nomeações, anteriores á morte de Estacio de Sá, provam que foi elle o fundador da cidade do Rio de Janeiro na *Aldeia Velha*. O nosso malogrado pintor historico Firmino Monteiro, representou-a, porém, como fundada por Salvador Corrêa de Sá, tendo por séde o morro do Castello. Quando lhe fiz vêr o seu engano, já o trabalho estava prompto. Esse quadro pertence hoje á Camara Municipal desta côrte, que o adquirio sem averiguar a sua exactidão historica.

[15] Além de Nobrega e Anchieta, jesuitas assás populares, deve notar-se o padre Gonçalo de Oliveira. O bispo era nesse tempo D. Pedro Leitão, o segundo que teve o episcopado do Brazil, hoje dividido em doze diocezes.

[16] Ararigboia, *cobra terrivel*, nome tupy do indio que depois se chamou Martim Affonso de Souza, fundador da aldêa de S. Lourenço de Marughy, hoje freguezia da cidade de Nicterohy.

Em pé, guerreiros ! Não temais ; á frente
Vêdes meu murrião — vosso estandarte !
— Eu sou o proprio archanjo da batalha
Que tem por braço do Senhor a dextra,
E por espada o raio crepitante
Que vos guie ao triumpho, vos abrindo
Entre cadav'res sanguinosa estrada !...
— Eu sou o rei do oceano immensuravel ;
Meu batel, como um throno fluctuante,
Com as azas do tufão correndo os mares,
Afunda as frotas de cavados troncos,
Enrubecendo as azuladas ondas !
— Eu sou mesmo a Victoria — nos meus labios
Sou o clarim de Josué, que abate
Os fortes muros de cerradas praças !
— Eu sou o fundador das cem cidades [17]
Do golpho immenso, que os gigantes guardam,
Sellados de meu sangue em meu martyrio.

« Eia, á Uruçumirim ! [18] Eia, que é nossa !
Elles já fugem ! Redobrae de esforços !
Accomettei, feri, vencei pizando
Por corpos que inda palpitando gemem,
E por lagos de sangue qu'inda fumam...
Ao incendio entregai as tabas suas
E da aldêa infiel só reste o nome...
Tinctos do negro fumo das bombardas,
Traspassados do aço e do pelouro,
Resplandecei de gloria á luz da patria !
Colhei os louros do triumpho e gloria...
Eu colherei as palmas do martyrio !

---

[17] Alludo ás povoações do littoral da bahia do Rio de Janeiro, não só existentes como futuras.

[18] Aldêa tamoya fortificada por francezes e tomada por Estacio de Sá e seus companheiros em 20 de Janeiro de 1567. Pensa-se geralmente que devia ficar na praia do Flamengo, mas os fundamentos são vagos e nem mesmo a sua etymologia nos adianta cousa alguma relativamente á sua localidade. Uruçumirim quer dizer *formiga pequena* e tanto seria o nome de um logar como de um chefe tamoyo.

VI

« Repousaes ? Que fazeis ? As vossas ar nas
Dormem da paz o ferrugento somno ?
Paranapucahy [19] lá nos aguarda !
Seu sinistro pendão[20] ondêa ao vento. . .
A's naus ! A's naus ! A's ondas, que as sustentam,
Arremeccmos as trincheiras suas !
O meu navio — esquife da victoria —
Vos mostre o esteiro que seguir vos cumpre...
Qual bando de aves, que vellozes voam
Por sobre o dorso das risonhas ondas,
Vagam os troncos barbaros cavados... .
Elles vêm como monstros nadadores
Com cem remos talhando as fundas aguas.. .
Um diluvio de flechas enche os ares,
E alarida infernal saúda o feito.
As naus fuzilam ! Ao trom da artilharia
Varre a metralha, sibilando a morte,
E tudo envolve em nevoento fumo.

Rasga, ó briza, esse véo, que ennoita o dia,
Patentêa os destroços, mostra os corpos,
Que na agonia horrenda se debatem
E a morte bebem nas sanguineas vagas !

« Paranapucahy... porém que sinto ?
Oh é a setta de afiado dente
Que esta face me roça... [21] mas vingai-me !

---

[19] Outra aldêa tamoya, tambem fortificada por francezes e igualmente tomada por Estacio de Sá no mesmo dia da victoria de Uruçumirim. Dizem que era na Ilha Raza do Gato e que essa era a Ilha do Governador, a maior das que povoam a magnifica bahia e na verdade grande de mais e montanhosa para ser raza e cercada de muros como asseveram historiadores. Dão-lhe o nome de Paranapucú ou Paranapucuhy *Paranã*, mar. *pucu* comprido, accelerado, grosso. e *hy* agua, mostra que deveria ser fóra da barra e não no seio da bahia. V. *A bahia do Rio de Janeiro* pelo Dr. FAUSTO DE SOUZA. *Rev. Trim. do Inst. Hist.* tom. 44, parte II, n. 3, p. 5.

[20] A bandeira franceza.

[21] Os historiadores dão este ferimento recebido no combate de Paranapucuhy, mas frei MANOEL DOS SANTOS discorda escrevendo que foi no ataque de Uruçumirim, *Historia Sebastica*, capitulo 6, p.38. Nesse caso Estacio de Sá não entraria no ataque de Paranapucuhy. Póde consultar-se a respeito desta brilhante jornada os seguintes auctores: S. DE VASCONCELLOS, *Vida do padre Anchieta e chronica do Brazil* liv.

Cahio o lutador? Passai sobre elle;
Sirva de ponte ao fosso o meu cadaver;
Mas vingai-me... Deus quiz o meu martyrio;
Dei-lhe o meu sangue, que clemente o imperio
De um novo povo... e pois, me resta a gloria.

« Que harmonia celeste?... São dos anjos
Os hymnos divinaes? A minha mente
Engrandecida em luz toda se innunda,
Qual immenso clarão que invade o espaço!

« E' elle! E' elle!... E' o guerreiro santo! [22]
No seu corcel com azas de relampo
Refulge sobre as nuvens da tormenta...
Na dextra empunha a lança luminosa...
Na sinistra sustem a briza de ouro...
E eis que pára e me diz:
« — Detem-te, basta!
« Oh! não prosigas que a missão findou-se;
« Justo é que de teu sangue aqui vertido
« Brote illustre qual tu um novo povo;
« Mas soffre — sem soffrer é nada a gloria!
« Soffre e no teu delirio ardente e bello
« Devassa, vê os seculos futuros:
« Novo Romulo, contempla a tua Roma,
« Se Roma é pouco, Babylonia, dize. »

« Oh! milagre do céo, santa miragem!
Sonho ou outra Ulysséa se alevanta,
— Metropole sem par de maravilhas?

II p. 227. BRITO FREIRE, *Nova Luzitania, historia da guerra brazilica* liv. I. p. 4, § 75. D. MANOEL DE MENEZES. *Chronica de D. Sebastião*, Cap. 43 e 46, p. 157 e 174, cap. 120 e 122, p. 348 e seg. Frei MANOEL DOS SANTOS, *Historia Sebastica*, cap. 6, p. 33 e 38. PATERNINA, *Vida do padre Anchieta*. ROCHA PITTA, *Historia da America portugueza*, liv. 3° p. 30 e 31. DIOGO BARBOSA MACHADO, *Memorias del-rei D. Sebastião*, parte II, liv. 2, cap. 12, t. 2. PIZARRO, *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, t. I, cap. 4, p. 15 e 21. BALTHAZAR DA SILVA LISBOA, *Annaes do Rio de Janeiro*, t. I, cap. 2, § 44 e 45. SOUTHEY, *Historia do Brazil*, traducção do Dr. LUIZ DE CASTRO. t. I, cap. 9, p. 472, etc., etc.

[22] S. Sebastião, invocado pelos portuguezes nos seus ataques contra os francezes e tamoyos no Rio de Janeiro.

VIII

Recuam montes, desparecem bosques,
Horrendos ninhos de indomaveis feras;
Alteiam-se zimborios, surgem torres;
Por arcos triumphaes, dignos de Roma,
Que o immortal Bobadella impõe aos evos,
Desce nova Hyppocrene [23] as ondas suas,
Famosas aguas prodigando ao povo;
Assomam templos, monumentos se erguem;
Vejo — ó grata visão, dourado sonho! —
Marmoreas ruas, jardinosas praças,
Rusticos lagos, murmuras cascatas,
Bronzeas estatuas, colossaes columnas,
E as moles que do mar contêm as furias!

« Emporio da abundancia e do commercio,
Em seu vasto e famoso ancoradouro
Reune as frotas de estrangeiras flammas.

« Fervido sangue, que esta mente escaldas,
Rompe o véo do porvir, me aclara os olhos,
Os olhos que lethaes sombras já cobrem
Trazendo a noite eterna do sepulchro;
Repleta esta alma de famosos feitos
Para fartal-a de grandeza e gloria.

« Assombro, pasmo de vindouras eras!
Radiante de gala e pompa e fausto
Metropole do Sul, minha cidade,
Cinge-te a fronte diamantina c'rôa...

« Salve, imperio da cruz! »

Disse e calou-se;
Frio suor lhe banha a larga fronte
E um ai lhe vem do coração aos labios.

Em sentido clamor rebenta o choro
De todos quantos o rodeiam. O dia.

---

[23] A Carioca.

Sem sol, sem pompa, luctuoso nasce !
Espesso nevoeiro ennubla a fronte
Do colossal penedo. Desce a meio
D'hastea o pendão das quinas luzitanas ;
Ribomba em funeral a artilheria ;
E geme o echo das visinhas serras.

Companheiros do heróe, honrae-lhe a campa !
E' pobre a aldêa que fundou seu braço,
Mas dae-lhe o germen da immortal grandeza,
Com suas cinzas cimentae-lhe as bases.

Dorme, conquistador !... Ah ! não estranhes
A terra do sepulchro pois regada
Foi de teu sangue aos gritos da victoria,
E é patria tua a patria que nos déste ;
E quando um dia despertar-te venham
E a patria historia e a Magestade e o tempo,
Homenagem pagando á tanta gloria, [24]
Permitte que eu tambem teus restos toque !...
Revive em mim o amor dos patrios feitos,
E a novos cantos predispõe minha alma.

---

[24] A trasladação dos restos mortaes de Estacio de Sá foi feita na presença de S. M. I., com a assistencia do Instituto Historico. V. *Revista Trim. do Inst. Hist.*